

Sobre a Amizade e o Amor na Sagrada Escritura: quando a intersubjetividade teológica inquieta e questiona o agir humano e cristão.

António Carneiro Torres Lima

RESUMO:

Procura-se uma abordagem da temática da Amizade e do Amor na Sagrada Escritura, bem como da intersubjetividade teológica que está na base da inquietude e do questionamento do nosso agir humano e cristão.

Palavras-chave: Amizade, Amor, Aliança na Sagrada Escritura; Intersubjetividade teológica; agir humano e Cristão.

ABSTRACT:

By a logical aim, according to the Bible, this article researches the very important sense between the friendship and love. Thus, it can appoint some ways to the theological intersubjectivity, and this plays a very determinant role to take the human and christian act.

Key-words: Love, Friendship, intersubjectivity, human and christian action, alliance according to the Bible.

INTRODUÇÃO

Neste nosso breve ensaio sobre “Sobre a Amizade e o Amor na Sagrada Escritura: Quando a Intersubjetividade Teológica Inquieta e Questiona o Nosso Agir Humano e Cristão”, faremos uma sucinta reflexão bíblico-teológica¹. Veremos como esses textos bíblicos ecoam em nós com a sua

¹ Esta reflexão é dedicada ao Sr. Prof. Doutor Daniel Serrão. Para uma base textual bíblica alargada, ordenada de maneira sincrónica ou diacrónica, poderá o leitor interessado fazer

voz interpelante. Convocaremos, também, algumas das mais significativas vozes de autores da nossa contemporaneidade. No final, que se pretende inconcluso, enunciaremos algumas inquietações, algumas questões éticas emergentes do confronto entre a Escritura, algumas propostas de reflexão teológica para o nosso agir humano e cristão, pessoal, social e eclesial.

Por conseguinte, veremos que o pensamento bíblico libertou, de fato, na humanidade forças extraordinárias, soltou nos indivíduos potências e capacidades vitais, filíacas e agápicas, que de outra forma seriam impensáveis. A consciência de Si evidenciada pelo Povo de Deus, o Povo Judeu, por Israel é fruto da ação relacional com o seu Senhor, a partir da qual se compreende, se compromete, purifica as suas sentiências, as suas vivências, desenvolve a sua história e espera a Terra Prometida. Mais ainda: É através da leitura, reflexão, meditação, interiorização das narrativas vivas e busca do sentido de pertença à tradição Bíblica Vetero e Neo-Testamentária que constatamos que ela produz qualquer coisa de original, de inédito, radicada no dom primeiro de Deus, revelado em Jesus Cristo, presente pelo Espírito Santo, que nos constitui na nossa identidade de receptividade da divinização por graça, de liberdade, de responsabilidade e na capacidade de cada ser humano para ser fraterno, para ser amigo e para amar, para a espera e para esperar, na sua mais pura radicalidade — qual espiral de crescimento na realização da nossa própria subjetividade e da inter-subjetividade modalizante do agir inter-humano pessoal, social, solidário, cristão nos percursos de alteridade plesiológicos, no fazer caminho caminhando pelas vias das afinidades eletivas, criadoras de *nós e de laços de comum união de vida amistosa e amorosa* e, aberta às sentiências para a sabedoria da amizade e do amor imorredouro que nos abre ao infinito, à vida em plenitude.

A) Breve Excurso vetero-testamentário

A Bíblia nasce da vida. A vida nasce da Bíblia. O Deus da Bíblia é um Deus Vivo. Porém, este Deus fonte de vida, que dá vida em abundância, não cabe no nosso horizonte de compreensão como uma *demonstração*

esse itinerário com VAZ, Armino dos Santos – Iluminação Bíblica da Ética da Vida, in: Revista de Espiritualidade, 29 (2000), pp. 39-79.

formal. É Ele que se Revela, que se manifesta como “evento”², que irrompe na nossa vida, mediante a Sua ação³. Então, podemos dizer que a vida não é um estado, mas um compromisso experiencial, sentiente, reconhecente, espaço-temporal e dinâmico. Foi assim, na vida do Povo de Deus, do Povo Judeu, que é disso um exemplo. Ele fez a experiência sentiente do encontro com o Deus vivo, no fogo da história, e d’Ele adquire conhecimento por experiências vitais, sentientes, ocorridas no tempo⁴. A consciência⁵ de Si, evidenciada pelo Povo de Deus, é fruto da ação relacional com o seu Senhor, a partir da qual se compreende, se compromete, purifica as suas sentiências⁶, as suas vivências, desenvolve a sua história e espera a Terra Prometida⁷. O Povo de Deus, o Israel eleito, só *fala de Deus* porque *falou com Deus*: O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, de José, de Moisés, etc., não é um tema da razão, mas um *conteúdo da narração*⁸. O Deus vivo na

² Como explicita ANTÓNIO COUTO: “e-vento [do latim *e-venire* = vir de fora do horizonte humano] que provém de fora da história e de fora do mundo, e extra da liberdade boa ou da bondade que irrompe e julga este mundo e esta história”. COUTO, António José da Rocha – *A Bíblia Inquieta e Questiona a Moral*, in: *Ética: Consciência e Verdade*, XXII Semana de Estudos Teológicos 5-9 de Fevereiro de 2001, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001, pp. 47-64; (cit. p. 59) .

³ Sobre a acção divina de Deus/ de Jahvé, em Ex. 24,1-2.9-11, o “mysterium tremendum et fascinans” da teofania, manifestação e presença de Deus e reconhecida pelo povo.

⁴ A este propósito, ver, SERRÃO, Daniel – “Prefácio”, in: LIMA, António Carneiro Torres - *Bio-ética e Antropologia*, Colectânea Bioética Hoje — VIII, Serviço de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2004, pp. 15-18; Ver, também, Id. – *A Transformação dos Valores na Sociedade de Comunicação*, in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 62 (2006), pp. 215 - 223.

⁵ Cf. Sl 16,7; Sb 17,10.

⁶ Este enunciado neológico, “consciência sentiente e decisora”, pertence a DANIEL SERRÃO. Para a elaboração deste ensaio foram-nos especialmente úteis as suas originais e profundas reflexões em textos dispersos por inúmeras publicações. Para mais pormenores sobre o enunciado neológica, ver: SERRÃO, Daniel. – *Archeo-biologia e Bioética: um encontro não conflituoso*, in: *ars interpretandi – Diálogo e Tempo*, Homenagem a Miguel Baptista Pereira (coord. de Anselmo Borges, António Pedro Pita e João Maria André), Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2000, pp. 235-264. Na nossa Dissertação de Mestrado em Bioética e Ética Médica, apresentada na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, sob sua orientação, desenvolvemos este tema, com a seguinte designação: “O enigma neuro-psíquico-antropológico”

⁷ Ver, MONTEIRO, António – “Gênesis: do sonho à esperança da Terra Prometida”, in: *Gênesis: Do Sonho à Esperança da Terra Prometida*, IX Semana Bíblica Nacional, Difusora Bíblica, Lisboa, 1987, pp. 8-12.

⁸ Sobre a vida como um valor a narrar, ver: PRIVITERA, S. – “Ética narrativa, valor “vida” e gerações futuras”, in: *Ética da vida, vitalidade da ética*, Gabinete de Investigação de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1977, pp. 13-20.

história: torna-se narrativa viva; torna-se história de um *encontro*; torna-se conteúdo de uma relação relacionante; torna-se tensão permanente entre promessa e cumprimento⁹; torna-se um mundo aberto em tudo e por tudo ao futuro, um futuro que, na Bíblia, significou sempre o futuro que Deus fará sair das suas próprias mãos¹⁰ e, sobretudo, de uma *escolha*¹¹, de uma eleição¹². O Deus de Israel revela-Se radicalmente pelo *encontro*, pela *relação*, pela *escolha*, pela *eleição*, pela *aliança*¹³, pela *promessa e cumprimento*, numa tonalidade de Amor e de Esperança. Em primeira instância, Deus torna-se “evento”¹⁴, deixa-se encontrar, toma a iniciativa, elege e escolhe mediadores, cria comunidades autênticas, promete e cumpre, funda a Esperança em Si mesmo e, desse modo, inaugura-a, garante-a e alimenta-a. O Deus de Israel, o Deus vivo, o Deus da Esperança é de fato o Deus da promessa e da libertação pela relação, pelo vínculo relacional de intimidade e de esperança que estabelece com o Seu Povo, tornando-se princípio e fim de uma experiência de Salvação. O Deus de Israel, o Deus vivo, o Deus da Esperança, o Deus da promessa, o Deus da “Aliança”, o Deus da Libertação, o Deus da experiência da Salvação é Aquele que chama, é Aquele que promete, é Aquele que ordena, é Aquele que liberta, é Aquele que se compadece do Seu povo pela Aliança, “A Aliança do Sinai” que, para António Couto¹⁵,

⁹ Ver, VON RAD, G. – *Teología del Antiguo Testamento*, II, trad. da 5ª ed. Alemã por F. C. V. Romero, ed, preparada por L. Alonso-Schökel, lux Mundi, 28-29, Sígueme, Salamanca, 1972, pp. 411s.; 479-482; 514.

¹⁰ Ver, Id. – *Teología del Antiguo Testamento*, II, *op. cit.*, pp. 464-467.

¹¹ Em Hebraico — (*bahar*) = ‘escolher’, no seu uso religioso, e tendo como sujeito Deus e como objecto o povo, aparece no Deuteronomio 24 em 26 vezes e em 1 Re. 18, 21, Elias incita o povo a escolher entre Jahvé e Baal.

¹² Para a conjugação do conceito de ‘Eleição’, ‘Aliança’ e ‘Messianismo’, ver: GARCÍA CORDERO, M. – *Carácter histórico de la revelación bíblica*, in: *Burgense*, 11, (1970), pp. 63-80.

¹³ Para o “relato do fazer aliança” (report of covenant making), ver, McCarty, que diz que este género literário tem o seu “Sitz im Leben” na necessidade permanente que as pessoas têm de estabelecer relações. McCARTY, D. J. – *Treaty and Covenant. A Study in Form in the Ancient Oriental Documents and in the Old Testament*, Analecta Biblica, 21 A, Roma, Pontifício Instituto Bíblico 1978, pp. 19-22. 239-240. Ao douto mestre, sapiente e dedicado Professor Geraldo Coelho Dias, devo estes ensinamentos, bem como esta nota colhida no “quadro preto” da primeira sala (“daquela estranha casa / onde se entrava pelo telhado ...”), onde funcionava o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas – Porto).

¹⁴ Ver a nota 2.

¹⁵ Para além da tentativa de estabelecer a analogia da aliança bíblica com os tratados do Próximo Oriente Antigo, devemos ter presente “os fundamentos da construção da “realidade-aliança” que atravessa toda a Escritura, regendo a sua história e a sua textualidade, estrutura orgânica a

a fundamenta como “núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento”. A experiência religiosa bíblica, na sua dinâmica nuclear, mais substancial e fontal, permaneceria incompreensível fora do conceito de Aliança, do encontro do Sinai, “núcleo teológico”, “centro dos tempos”¹⁶. A Aliança com Deus, no encontro do Sinai, é a dimensão que funda e institui a fé de Israel. A Aliança permanece a dimensão fundamental e o horizonte insuperável da experiência bíblica de Deus, para o homem bíblico, no “agora cultural”, que não passa à história, mas permanece sempre na esfera do presente, abrindo continuamente a história em passado “dado” e ao futuro aberto “ao extra da liberdade boa ou da bondade que julga este mundo e esta história”¹⁷ e nos pode tornar responsoriais e responsáveis¹⁸.

Com base no evento Cristológico, o Antigo Testamento é reinterpretado e atualizado. Mas, no centro de atenção, está, tanto num caso como no outro, a categoria formal da “aliança”, a qual como salientamos, “desde o Sinai, vai imprimindo a sua marca na alma Israelita e em todos os recantos da textualidade Vetero-Testamentária. Em cada página do Antigo Testamento deparamos com o homem encontrado pelo Deus vivo, e vivendo nesse e desse encontro fundamental e decisivo, de vida ou de morte”¹⁹. O acontecimento do encontro fundamental e decisivo do Sinai, apresenta-se com um carácter de tal modo avassalador, que o homem aí encontrado, surpreendido pela soberana transcendência do Deus vivo, faz a radical experiência da sua radical indigência, colocando e recebendo — nesse e desse encontro

que preside o encontro fundamental e decisivo do *Sinai*”, como nos mostra, COUTO, António José da Rocha – *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Urbana, Roma, Valadares, 1990; p. 258 e ss. Ver, também: *Id.* - *O Êxodo e a Aliança: História e Teologia*, in: *Humanística e Teologia*, 19 (1998), pp. 251-277.

¹⁶ HAURET, CH. (ed.) – *Aux Grands Carrefours de la Révélation et de l'exégèse de l'Ancien Testament*, Recherches Biblique, 8, Desclée de Brauwier, Bruges, 1976, p. 50.

¹⁷ COUTO, António - *A Bíblia Inquieta e Questiona a Moral*, *op. cit.*, p. 59.

¹⁸ Ver, Laín Entralgo, Pedro. – *Idea del hombre*, Espasa Calpe, Madrid, 1996, pp. 194-195, onde mostra como *responsabilidade* procede do verbo latino *respondere*, significando e exprimindo a acção recíproca de *spondere*, “empenhar-se”, “obrigar-se” ou “prometer”; um e outro vocábulo têm a raiz no grego *spendo* (“oferecer uma libação” e “sacralizar a acção que a libação sela”; *spondé* era o nome grego da *libatio* latina), donde deriva que, mediante um complexo processo semântico, os romanos tenham chamado *sponsalis* ao pacto matrimonial (*sponsa* é a esposa ou prometida).

¹⁹ COUTO, António - *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, *op. cit.*, p. 250.

fundamental e decisivo — toda a sua vida, completude e autenticidade da sua existência²⁰

Resulta igualmente claro que também a vertente do futuro fica agora sob a alçada desse encontro fundamental, pois o futuro fica submetido à responsabilidade, aberto, portanto em duas possibilidades alternativas — a bênção ou a maldição, a vida ou a morte —, dependentes da resposta de Israel à manifestação da vontade soberana de Javé, que define a relação estabelecida naquele encontro. Assim, o Antigo Testamento, caminha para o Novo Testamento, por um sistema de aberturas múltiplas, a saber:

- Pelo *discurso profético*²¹, pura graça de Deus, em si mesmo aberto a figuras várias: um novo David ou o messias Davídico, uma nova Jerusalém, um povo santo, um servo de Javé e o despojamento, um evangelista, um novo êxodo, uma nova aliança;
- O imenso apelo à conversão que se levanta da obra *literária deuteronomista*²², como caminho sempre aberto para a esperança;
- Um novo começo, com uma nova comunidade cultural, que se desenha no horizonte da *tradição sacerdota*²³;

²⁰ A este propósito, podemos ler: “O homem tem-se a si mesmo como o ‘vértice’ da realidade (visível). Mas se fosse isso a *realidade*, seria *demasiado absurda* para poder ser ‘inteligível’. Se fosse do homem que houvesse de vir a *significação realizadora* última, ficávamos definitivamente *desamparados*. Por mais que a história durasse, seria sempre o triunfo do *absurdo* e da *frustração*! É verdade que há o amor-dedicação. E a generosidade. O altruísmo. E algumas virtudes mais. ‘Oásis-de-sentido’ na vastidão agressiva!, do deserto. Mal de nós se faltassem esses ‘momentos em que o homem se eleva acima de si mesmo’. Tendendo para o ideal. Antecipando uma amostra da *síntese última*. Porém, quando ocorrem, são apenas isso mesmo: ‘momentos!’ Compõem, *dialecticamente*, o ‘humano’. Este *não pode* definir-se ultimamente pela força (*negativa*)! do *des-humano*”: FORMOSINHO, Sebastião j. e BRANCO, J. Oliveira – *O Brotar da Criação. Um Olhar Dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia*, Universidade Católica Editora, 2ª Edição, Lisboa, 1999, pp. 314-315. Os sublinhados são dos próprios autores. Também, Heidegger em *Sein und Zeit*, salienta a necessidade de vivermos de modo radicalmente humano e autêntico: HEIDEGGER, Martin – *Ser e Tempo*, Parte I, trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 14ª ed., Editora Vozes Ltda., 2005, pp. 234-267.

²¹ GARCIA CORDERO, M. – *Del mesianismo a la escatologia en el Antiguo Testamento*, op. cit., p. 253.

²² VON RAD, G. – *Teología del Antiguo Testamento*, I, trad. da 5ª ed. alemã por V. M. Sánchez, ed, preparada por L. Alonso-Schökel, lux Mundi, 28, Sígueme, Salamanca, 1972, p. 425.

²³ WOLFF, H. W. – *Antropología del Antiguo Testamento*, trad. do alemão por S. T. Tovar, Biblioteca de Estudios Bíblicos, 3ª Edición, Sígueme, Salamanca, 2001, pp. 120-121.

- A elevação do drama humano à dignidade do sentido, operada pela reflexão sapiencial-apocalíptica²⁴, perscrutando as questões cruas da vida à luz da fidelidade de Deus: o justo vive para sempre com o Deus vivo, pois não é possível que a morte limite a soberania do Deus vivo e justo: ele é o Emanuel²⁵, Deus Connosco²⁶; a esperança dos justos está cheia de imortalidade²⁶ e, do negrume da tragédia, brota a aurora da ressurreição²⁷

E destes elementos conjugados, — como salienta António Couto²⁸. — o messias davídico, a Nova aliança, o novo começo, a nova Jerusalém, a nova comunidade, o novo êxodo, com a chamada à conversão; o Filho do Homem e a glória da ressurreição, com o Servo de Javé e o despojamento. É esta a relação, a avenida de luz e de sentido que do Antigo Testamento conduz ao Novo Testamento. Examinando em contra-luz, vê-se, caminhando pelas páginas do Antigo Testamento, atravessando os dramas do Antigo Testamento, uma figura singular de “servo”, que Deus chama “meu servo”, o qual vemos desembocar nas margens do Novo Testamento, com uma forma, um rosto e um nome: chama-se Jesus Cristo. Nascido de Deus, conduzido por Deus, entregue por Deus à morte, Ressuscitado pelo poder de Deus. Sempre na passiva, lá onde, aos nossos olhos, toda a esperança parece definitivamente encerrada, eis que tudo começa de novo. Por obra da indizível graça de Deus.

²⁴ WOLFF, H. W. — *Antropología del Antiguo Testamento*, op. cit. , pp. 123-128.

²⁵ GARCIA CORDERO, M. — *Del mesianismo a la escatología en el Antiguo Testamento*, op. cit., p. 253.

²⁶ Is. 8, 8.

²⁶ Sab. 3,4. Como afirma VITORINO DE SOUSA ALVES, com “Argumento de psicologia analítica” (...) A nostalgia ou Saudade de Deus nasce por nós sermos imagem dele. É ideia inata de Deus... Até Kant admitia, na *Crítica da Razão Pura*, a Ideia transcendental ou inata de Deus. E S. Paulo exclamava. “Desejo morrer para estar com Cristo”. E Santo Agostinho soluçava nos Solilóquios: “O nosso coração vive inquieto, Senhor, enquanto não descansar em Ti!”. Neste mundo, nenhum amor nem felicidade podem saciar os anseios e capacidade infinita do ser humano. A finalidade ou o destino do homem prova-se, pois, pela nostalgia divina do ser infinito, donde nascemos. Fomos criados pelo amor de Deus e para o amor de Deus. É a imortalidade...”²⁶: ALVES, Vitorino de Sousa — *Ensaio de Filosofia das Ciências*, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1998, p. 554.

COUTO, António José da Rocha — *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, op. cit. , p. 253.

²⁸ Encontramos a primeira menção da fé na ressurreição, nos seguintes termos: “aqueles que morreram pela fé, ressuscitarão para a vida eterna” (Dan. 12, 2-3).

Portanto, nós, que lemos o Antigo Testamento como Cristãos, vemo-lo a caminho de Cristo e a partir de Cristo, o novo Davi, o novo sacerdote, o evangelista, o povo santo, o servo de Javé, o fator da nova aliança, do novo êxodo²⁹, da nova comunidade; Ele que, atravessando, o drama da morte, foi exaltado à glória da ressurreição. D'Ele, ressuscitado com o Espírito Santo, falam as escrituras; n'Ele se cumprem as Escrituras, se abrem as Escrituras e se compreendem as Escrituras³⁰.

B) BREVE EXCURSO NEO-TESTAMENTÁRIO

Como já salientamos, é com base no evento Cristológico que o Antigo Testamento é reinterpretado e atualizado em termos de Amor e de Esperança. A Esperança e o Amor, transformam-se, graças ao Judeo-Cristianismo, numa categoria religiosa. A Antropologia do Ocidente desenvolve através do Cristianismo uma sensibilidade empírica permeada de Amor e de Esperança, e a disposição a amar e a esperar tornam-se no fator determinante e no carácter típico do Ocidente. Neste sentido, o Cristianismo perpetua e renova uma idéia de fundo do Judaísmo: Deus revela-se como Deus da compaixão, do amor e da esperança. À sombra deste Deus, revelado em Jesus Cristo, presente pelo Espírito Santo, se “refugiam os necessitados, desvalidos e n'Ele encontram nova força todos os que pela compaixão ou emoção que nasce nas entranhas se decidem a amar e cuidar do próximo”³¹.

Na tradição judaico-cristã, a dimensão do amor e da esperança, fundam-se na certeza de que Deus, uno e trino, é sempre fiel e que cumpre e realiza sempre tudo aquilo que promete. Por isso, para nós crentes, viver na Esperança e no Amor, significa empenharmo-nos na nossa dimensão afetiva³², cognitiva, volitiva, compassiva e, querê-la sempre como dimensão

²⁹ COUTO, António José da Rocha – *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, op. cit. , p. 253.

³⁰ Ver, a este propósito, as páginas elucidativas de: PLASTARAS, J. – *The God of Exodus. The Theology of the Exodus Narratives*, Impact Books, the Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1966, pp. 313-334.

³¹ Cf. Lc. 24, 25-27. 44-45; 1 Cor. 15, 3-8; 2 Cor. 3, 12-16.

³² SERRÃO, Daniel – *A Transformação dos Valores na Sociedade de Comunicação*, in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 62 (2006), p. 223. A este propósito, DANIEL SERRÃO, afirma: “Não creio que fosse possível fundamentar melhor a minha tese que é esta: para travar o avanço da ideologia pós-moderna e do seu devastador efeito de erosão social, o único instrumento eficaz

fundamental do nosso ser para podermos — neste contexto da Amizade e do Amor na Sagrada Escritura: *Intersubjetividade Teológica: Elementos para uma Antropologia da Amizade, do Amor, da Dor do e Sofrimento humano*³³ — falar das sentiências amistosas, amorosas, compassivas, doridas e sofridas. E sem uma teologia da aliança, que coincide formalmente com o amor e a esperança absoluta e, psicológica e sociologicamente, com a efetiva capacidade de amar e esperar sem condições, não seria compreensível a experiência bíblica da dor e do sofrimento redentor e misericordioso³⁴. Fora do cenário judaico-cristão a humanidade ocidental dificilmente teria alcançado o amor³⁵ e a esperança. O pensamento bíblico libertou, de fato, na humanidade forças extraordinárias, soltou nos indivíduos potências e capacidades de resistência que de outra forma seriam impensáveis.

É através da reflexão e do sentido de pertença à tradição bíblica que constatamos que ela produz qualquer coisa de inédito e a muitos títulos imponderável radicada na capacidade de cada ser humano para ser amigo e para amar, para a espera e para esperar³⁶ na sua mais pura radicalidade.

é o *amor ao outro* e a *compaixão*; que, para Ramiro Borges de Menezes, no seu admirável trabalho académico de comentário à parábola do Bom Samaritano, é “esplancnofânico”, num *neologismo* do autor com que se pretende caracterizar uma *compaixão* ou *emoção* que *nasce nas entranhas* (daí a raiz *esplancno*, *víscera*) de quem *decide cuidar do outro*: SERRÃO, Daniel – *A Pessoa Humana com Deficiência, como um Valor*, Conferência Inaugural do Fórum de Enfermagem de Reabilitação, Fórum Cultural de Ermesinde, 30 de Maio de 2006, p. 9. Texto amavelmente cedido pelo autor a quem agradecemos. Sublinhados nossos. Para um resumo da tese de Mestrado referida, ver: MENESES, Ramiro Délio Borges de – *Do Desvalido ao Samaritano: A Humanização em Saúde*, in: *Separata de Eborensia, Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, Ano XVIII, nº 36, (2005), pp. 87-101. Ver, também, outros ensaios originais e profundos, a saber: - *O Bom Samaritano; entre a norma e a virtude*, in: *Atlântida*, XLVIII, (2003), pp. 161-162; Id. – *Humanização Hospitalar: axiologia e ética*, in: *Enfermagem Oncológica*, 27 (2003), pp. 43-46; Id. – *Do Desvalido Ao Samaritano: Paradigma de humanização Hospitalar*, in: *Enfermagem Oncológica*, 33 (2005), pp.29-37; Id. – *“Misericórdia”: Do Termo ao Conceito na Humanização Plesiológica*, in: *Mayútica*, 30 (2004), pp. 411-420.

³³ Para uma visão da educação para os afectos ao longo da vida, veja-se: RENAUD, Isabel – *A educação para os afectos*, in: *Cadernos de Bioética*, 26 (2001), pp. 89-97.

³⁴ Para um aprofundamento desta temática, ver: LIMA, António Torres – *A Bioética: Ponte para a experiência da inter-subjectividade. Elementos para uma antropologia bioética da amizade e do amor*. Ensaio, em publicação.

³⁵ Cf. JOÃO PAULO II – *Epistula Apostólica Salvifici Doloris*, in: *Acta Apostolicae Sedis* 76, 3 (1998) nº 28, p. 243.

³⁶ No auge da filosofia grega, ARISTÓTELES na sua obra *Metafísica*, XII, 7, procurou individualizar a força divina que *move o mundo*, mas que ela mesma não necessita de nada e não ama, é somente amada. Pelo contrário o Deus Bíblico, ama pessoalmente: ARISTÓTELES – *Metafísica*

É que não se amam apenas aqueles que nos amam; a radicalidade do amor é extensiva aos estranhos e aos inimigos³⁷. É que não se espera apenas aquilo que se pode esperar, mas esperável é aquilo que em sentido próprio é inatingível, ou seja, inaudito, não editado. Neste sentido, dizemos que esperar não é saber, quem espera faz-se na hora do deixar Deus acontecer na autenticidade e verdade da nossa vida, dos espaços mais recônditos do nosso ser, da nossa interioridade³⁸, como Acontecimento, como Palavra e como Sacramento. A Deus nada é impossível e a tradição cristã tornou impossível o trágico, não suprimindo a dor, tendo-a potenciado e elevado ao mais extremo da dimensão “kenótica”³⁹ de “aniquilação”⁴⁰ ou “esvaziamento de si mesmo”⁴¹. Neste sentido, podemos dizer que o homem trágico morre

ca, ed. Bilingue grego-italiano, introd., trad. e notas de Giovanni Reale, segunda edição, Milão, 1994.

³⁷ Sobre a temática da espera e da esperança, pode ver-se: LAÍN ENTRALGO, Pedro – Antropología de la esperanza, Guadarrama, Madrid, 1978.

³⁸ Devemos amá-los: Mt 5, 21-26; 38-48; Lc 6, 27-35. Ver, também: WOLFF, H. W. – *Amor al enemigo*, in: *Antropología del Antiguo Testamento*, op. cit., pp. 253-254.

³⁹ Aprendemos com Sto. Agostinho, que, no *De Magistro* (XI, 38), enuncia: “*in interiore hominis habitat veritas*” (*No interior do homem habita a verdade*). A verdade da afirmação de Deus criador que é certamente “Outro”, diferente de todos os outros, diferente da criatura, do ser humano. É-nos transcendente. Mas precisamente porque é Criador, não é “exterior”, mas antes radicalmente imanente, – como diz ainda Sto. Agostinho: “*mais interior a mim mesmo do que o meu próprio íntimo*”. Fonte do ser da criatura, Deus não se pode considerar “exterior”, e muito menos rival” – como aprendemos também com, CABRAL, Roque – *Ética Religiosa e Ética Racional: Compatíveis?*, in: *Bioética*, (Coord. Luís Archer, Jorge Biscaia e Walter Oswald), Editorial verbo, Lisboa – São Paulo, 1996, p. 50; Ver, também, Id. – *Moral Racional e Moral Evangélica*, in *Bioética. Questões em Debate* (Coord. José Henriques Silveira de Brito), Publicações da Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2001, pp. 85-92.

⁴⁰ Ver, CUNHA, Jorge Teixeira da – *O Evento do Filho Advento do Homem: A Relação do Homem a Cristo Pascal Fonte da Ética na Obra de F.-X. Durrwell*, Biblioteca Humanística e Teologia 1, Porto, 1990, pp. 51-56. Sobre esta dimensão “kenótica”, ver, também, a proposta de reflexão de: LÉVINAS, Emmanuel – *Transcendência e inteligibilidade*, trad. de José Freire Colaço e Artur Morão, edições 70, Lisboa, 1991, que na página 45, afirma: “*(...) Será isto a kenose? Há aqui, em todo o caso, penso eu, alguma coisa que dela se aproxima! A minha fórmula de “Deus que vem à ideia” exprime a vida de Deus. Descida de Deus! Em alemão, é melhor ainda: wenn Gott fällt uns ein (quando Deus nos cai sob o sentido)*”. Os sublinhados são do próprio autor.

⁴¹ Cf. Fl 2, 6-11. Como DOMINGUES, Frei Bento, sugere, tal fragilização pode ser positiva: “*O Deus da afirmação, da ortodoxia... só pode aguentar-se como Deus, na permanente agonia das afirmações dogmáticas*”. *Morrer em nome de Deus*, in *Ler*, 17 (1991), pp. 64-66. Também num estudo com mais de uma década, Alfredo Dinis chama a nossa atenção para a necessidade de a Teologia adoptar um paradigma do saber de tipo criticista que considere os dados de reflexão e

à mão das forças que o geraram e a sua expressão é o grito como forma catártica de a exprimir e atenuar; para o homem bíblico a permanência na sentiência da dor é regida pelo Deus que soberana e silenciosamente o rege, o orienta e o conforta. O Deus da consolação, revelado no “Homem das Dores”, em Jesus Cristo, presente pelo Espírito Santo, precede o homem crente, encontra-o e dá sentido ao seu viver, mesmo a partir de situações de extremo abandono. É esta situação paradigmática que encontramos no verbo significativo do salmista: *Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?*⁴² E estas são, também, as palavras que os Evangelhos colocam na boca de Jesus, no alto da Cruz: *Eli, Eli lema sbactani?*⁴³; posta em evidência como paradigmática na narrativa de Lucas: *Pai, nas Tuas mãos entrego o meu Espírito*⁴⁴. Este enunciado exprime a sentiência da dor e da laceração, mas simultaneamente a confiança confiante e o abandono radical. Melhor dizendo, o acontecimento cristológico da Paixão e Morte de Jesus Cristo revela-nos de forma acutilante e extraordinária a relação entre Dor, Sofrimento, Amor e Esperança. A construção da espera e do esperar, da esperança na perspectiva humana e natural, era conhecida dos gregos como exposição ao possível, ao futuro indeterminado, como esperança breve que em muitas situações da vida e existência humana, pode ser catártica, libertadora e favorável, bem como, noutras, simplesmente nefasta. A esperança bíblica desenvolve-se e supera a esperança simplesmente humana e natural, breve e incerta, dos êxitos e façanhas humanas.

Porém, os conceitos que melhor exprimem o conteúdo bíblico da Esperança são os de Fé, Fidelidade e Amor. Enquanto virtude teologal, a Fé é mais do que a simples capacidade humana de adesão à Verdade do Deus da Consolação, presente na história e na vida do Povo de Deus; Ela é dom⁴⁵,

experiências humanas não como algo ameaçador, mas essencial e vivificante, afirmando mesmo que “a perenidade filosófica e teológica de que fala a tradição Cristã só tem sentido hoje se for entendida como uma reflexão perenemente precária e aberta a novas reformulações em diálogo constante e existencial cuja dinâmica nunca é completa ou definitivamente verbalizável e está em permanente mudança”; DINIS, Alfredo – *Por um Novo Modelo do Saber; Problemática do Discurso Filosófico-Teológico*, in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990), pp. 355-378.

⁴² Esvaziou-se (ekénōsen) Fl. 2,7. Esta Kenôse de Cristo não implica que Ele deixe a condição divina; mas é nesta Kenôse que Ele revela mais maravilhosamente o amor de Deus pela humanidade (Gl. 4,4; Heb. 2, 17; 5,8).

⁴³ Sal.22,1.

⁴⁴ Mt. 27, 46; Mc.15, 34.

⁴⁵ Lc. 23, 46.

com reflexos na nossa vida individual e comunitária, — o dom primeiro de Deus que nos constitui na nossa identidade de receptividade da divinização por graça e de responsabilidade (*no sentido etimológico de que devemos responder e não podemos não responder*), abrindo-nos ao transcendente, e rejeitando a substância da idolatria, que consiste na recondução da existência humana para dentro do princípio natural⁴⁶, do nosso horizonte físico⁴⁷, dos nossos desideratos telúricos, de projeção do Outro por nós ou de projeção de nós no Outro, de identificação que nos deixaria entregues ao nosso poder como onipoder, negando a prioridade da ética e da responsabilidade. De fato, a Fé, a fidelidade e o Amor na mundividência religiosa judaico-cristã dão significado e sentido aos fracassos humanos. Aí onde tudo se esvazia; Aí onde tudo se reduz ao silêncio; Aí onde o ser humano, cada pessoa singularmente considerada, jaz na sombra da morte, brilha como muito bem viu e sentiu o Salmista⁴⁸, a Redenção. O Deus bíblico, o Deus revelado em Jesus Cristo, o Redentor, garante a certeza do êxito para além de toda a degradação ou aniquilação⁴⁹. Pois para lá de toda a falha, de todo o fracasso... pode abrir-se um novo horizonte de possibilidade, como muito bem vê Michel Renaud, quando afirma: “De facto, existem no mundo inúmeros porta-vozes e testemunhas silenciosas, cuja própria vivência é a melhor garantia de que a existência tem um sentido, vale a pena ser vivida e que a sua radical finitude não impede a possibilidade de uma abertura ao infinito”⁵⁰. Na verdade, não acreditar significa não ter fé na fidelidade e no Amor de Deus. Este é para o homem bíblico, surpreendido e apanhado pelo desígnio eletivo de Deus, o ato de impiedade por excelência. Fidelidade, Fé e Amor, são termos relativos uns aos outros, inerentes às afinidades eletivas filíacas e agápicas. Por certo que só quem acredita pode ser fiel; Por certo que só quem se sente amado por Deus se torna amável, acredita, é fiel e vive a

⁴⁶ Como diz António Couto: “Deus não pode não respeitar a minha liberdade e a minha vontade. Pode “forçar-me” apenas por amor! Não pode dizer-se todo de uma vez. Vai-se dizendo também na medida em que recebe do homem espaço para se exprimir. Na verdade, só em Jesus se disse de todo, porque só dele recebeu toda a latitude”; COUTO, António – *O Êxodo e a Aliança: História e teologia*, in: *Humanística e Teologia*, 19 (1998), p. 275.

⁴⁷ Este termo “natural” vem do latim “natura” (*nascor*) e significa *nascer*.

⁴⁸ O termo “físico” vem do grego “physis” (*phyó*) e significa *nascer, crescer*.

⁴⁹ Ver o Salmo 130.

⁵⁰ Ver o III capítulo, intitulado “A decomposição do que sou” e o ponto 3. “Antropologia da ressurreição”, de LAÏN ENTRALGO, - *Corpo e Alma: Estrutura Dinâmica do Corpo Humano*, trad. de Miguel Serras Pereira, Almedina, Coimbra, 2003, pp. 360-383.

dinâmica da existência com um coração aberto com vasos comunicantes. Porém não é menos verdade que a fidelidade⁵¹, como práxis de vida, como observância no dia a dia, alimenta também a fé, fortalece a esperança e cria comum união de vida e de amor.

Por conseguinte, é apenas no círculo libertador da sentiência da Amizade e do Amor que a nossa experiência da sentiência da dor e do sofrimento encontra de verdade salvação. Isto significa afirmar que — neste ensaio “Sobre a Amizade e o Amor na Sagrada Escritura: Intersubjetividade Teológica”, — nas sentiências amistosas e amorosas radica a experiência da abertura aos outros e ao “Outro” e, mesmo a experiência da Dor e do Sofrimento⁵², podem possibilitar, não tanto o fechamento, a contração e o isolamento de cada um de nós que passa por essa experiência, mas sobretudo pode ser um tempo oportuno de abertura do nosso ser, pelas sentiências amistosas e amorosas que enchem o espaço inteiro da inteireza do nosso ser, da nossa humanidade⁵³, — qual espiral de crescimento na realização da nossa própria subjetividade e da inter-subjetividade orientadora das interações humanas nos “acontecimentos plesiológicos⁵⁴, aberta às sentiências da Amizade e do Amor imorredouro ou imortal⁵⁵, que nos abre ao Infinito, à vida em plenitude, como participação na eternidade feliz de Deus⁵⁶.

Nesta perspectiva, Jorge Cunha, afirma que “Cristo, o homem que precede o homem, é o centro profundo da história, pura presença e pura interioridade ao nosso quotidiano disperso e injusto. À teologia compete abrir o quotidiano doloroso à mediação dessa presença até que a morte nos

⁵¹ RENAUD, Michel – *Existência Perde Autenticidade*, in: *Notícias do Milénio*, revista integrante da edição do Grupo Lusomundo, 8 de julho de 1999, p. 115.

⁵² Sobre a lógica da fidelidade e da promessa, escreveu doutamente: CHRÉTIEN, Jean-louis – *La voix nue: Phénoménologie de la promesse*, Éditions de Minuit, Paris, 1990.

⁵³ Cf. BISCAIA, Jorge – “Sofrimento e dor humanas”, in: *Cadernos de Bioética*, 9 (1995) pp. 7-13.

⁵⁴ A *humanidade* que DANIEL SERRÃO aponta, devido à importância do princípio da dignidade da pessoa humana, traduzida não apenas na ideia de defesa, promoção e protecção do indivíduo como ser humano, mas também na tomada de consciência sentiente e decisora de que todos pertencemos ao género humano, confrontados com o destino comum que nos obriga a reflectir sobre a amizade, o amor e a definir novas formas de solidariedade humana: SERRÃO, Daniel – *Bioética: a aventura de uma utopia saudável*, Colóquio/Ciência 18 (1996), pp. 59-66.

⁵⁵ MENESES, Ramiro Délio Borges de – “*Misericórdia*”: *Do Termo ao Conceito na Humanização Plesiológica*, in: *Mayéutica*, 30 (2004), pp. 411-420.

⁵⁶ “A esperança dos justos está cheia de imortalidade (Sab. 3, 4)”.

introduza de vez no coração desse mundo⁵⁷, bem como através do *dom* que Cristo pediu a seu Pai para nós — *estarmos* no mundo sem *sermos* do mundo⁵⁸ e sabermos-nos encontrados pelo Deus uno e trino, numa experiência vital — como afirma António Couto — “criacional / fundacional, em que me dá a mim mesmo como uma dádiva — a vida como dom —, e em que se dá a si mesmo a mim como uma dádiva, e em que me dá todos e tudo como uma dádiva e em que eu me aceito a mim mesmo como uma dádiva, como um vivo que provém da morte⁵⁹, e me compreendo a mim mesmo como uma dádiva d’Ele que eu sou, com o meu *logos* dado, que é a minha razão dada, que é a minha natureza dada, que é a sua Lei dada, e em que eu aceito Deus dando-se a mim mesmo como uma dádiva⁶⁰. Ele que é a Palavra que nos habita, que dá sentido, autenticidade e completude ao nosso ser, viver e existir. “A Palavra [que] é uma realidade que se mantém de pé, permanecendo na originalidade do seu ser apalavrado, como mensagem de salvação, como benção ou maldição, ou também como mandamento e como lei, como julgamento pronunciado, ou como Dizer dos poetas ou dos princípios fundamentais dos filósofos⁶¹. Ele que é amor⁶²; Ele que nos ama tornando-nos amados, amáveis e felizes⁶³; E quem bebeu na fonte do Seu amor, torna-se ele próprio uma “fonte da qual jorram rios de

⁵⁷ Ver a este propósito: BEAUCHAMP, P. – *le salut corporel des justes et la conclusion de la sagesse*, in: *Revue Biblique*, 45 (1964) pp. 491-526.

⁵⁸ CUNHA, Jorge Teixeira da – *Questões éticas emergentes. Uma leitura teológico-moral da nossa sociedade actual*, in: *Humanística e Teologia*, 13 (1992), p. 193;

⁵⁹ Cf. Jo 17, 14-16.

⁶⁰ Rm 6, 13.

⁶¹ COUTO, António – *O Êxodo e a Aliança: História e teologia*, in: *Humanística e Teologia*, 19 (1998), p. 275. Ver, também, Id. – *Como Uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*, Unibersidade Católica Editora, Lisboa, 2002.

⁶² VILA-CHÃ, João J. – *A Palavra, o Texto e a Morte: a abordagem de Hans-Georg Gadamer*, in: *H.-G. Gadamer: Experiência, Linguagem e Interpretação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, p. 41.

⁶³ 1Jo 4, 8.

água viva”⁶⁴ , de Amor e de Esperança que entenece e eterniza⁶⁵. A Ele a glória para sempre!

C) QUESTÕES, INQUIETACÕES, CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Vivemos a dinâmica experiencial da amizade e do amor na Sagrada Escritura conforme o paradigma da experiência da intersubjetividade do homem bíblico filíaco e agápico ou a nossa vida e a nossa existência é encarada como presença de nós a nós mesmo, seguindo os nossos desejos, projetos, impulsos naturais, auto-satisfações e domínio dos outros para os pôr ao nosso serviço, sem vivência e convivência amistosa e amorosa dos serviços partilhados?
- Perfilhamos o paradigma da responsabilidade identitária em que nos tornamos auto-responsabilizados pelos nossos sucessos ou insucessos, ou interiorizamos e partilhamos o paradigma da responsabilidade bíblica que nos torna responsoriais e responsáveis, em que cada um de nós se recebe do outro e responde por ele e a ele?
- Interiorizamos a nossa componente passiva e receptiva da nossa humanidade solidária, ou somos meros executivos autistas e calculistas, sem tempo e sem escuta passando por cima ou ao lado de cada outro e de todos os outros na vivência dos nossos percursos de alteridade?
- As nossas aproximações interindividuais e sociais são plesiológicas incondicionais ou vemos primeiro quem são os outros para saber se vale a pena aproximarmo-nos?
- Nas nossas afinidades eletivas já fizemos alguma vez a experiência da prioridade dos outros e de cada outro sobre nós? Em cada hoje que passa já fizemos essa experiência por amor e por amizade?

⁶⁴ « (...) O ser humano, vivendo na fidelidade ao único Deus, sente-se a si próprio como aquele que é amado por Deus e descobre a alegria na verdade e na justiça — a alegria em Deus, que se torna a sua felicidade: ‘Quem terei nos céus? Além de Vós, nada mais anseio sobre a terra (...). O meu bem é estar perto de Deus’ (SI 73/72, 25.28). CARTA ENCÍCLICA DE BENTO XVI — *Deus é Amor*, Paulinas Editora — Prior Velho, 2006, nº 9, p. 22.

⁶⁵ Jo 7, 38; Cf. Id. — *Deus é Amor*, op. cit., nº42, p. 77.

- Com olhos de ver mundo e cada pessoa como ser singular, única, irreduzível, irrepetível, concreta, real, histórica e meta-histórica, escutamos e aplicamos o mandamento que liberta ou seguimos os ídolos que nos fascinam?
- Se é certo que nos propõem cada vez com mais celeridade a urgência da nossa inserção num paradigma de globalização ou mundialização e um modelo societal de busca de felicidade “para o maior número de pessoas”, também é certo que este paradigma “deixa muitas pessoas de fora”, excluídas, marginalizadas e entregues à sua própria sorte. Este paradigma que nos empurra para a vivência e experiência da espacialidade e de temporalidade relativizada, em que em parte somos sujeitos e em parte objetos mais ou menos expliáveis pelas leis da natureza, apoucados e descentrados da inteireza dos seres, apoucados na nossa condição humana de liberdade e responsabilidade, sem dom, sem amizade, sem amor. A espacialidade e a temporalidade inerente à nossa condição humana, de certo modo indolor, incolor, impassível e insensível, sem dádiva e sem sonho, encerrada na nossa finitude onde vale a pena ver o homem e o mundo como meros objectos de fruição e ostentação.
- Para todos e cada um de nós — como propõe António Couto — “ é cada vez mais urgente descobrir o tempo [das relações plesiológicas amistosas e amorosas para o nosso agir humano e cristão], que não é o tempo do mercado, do coisismo, do consumismo, da violência e da posse, da responsabilidade identitária, de eros, mas o tempo da dádiva, da gratuidade e do amor novo que o Testamento Novo chama ágape, do amor de alteridade, que me ensina a ver o outro, não como objecto com três dimensões que eu posso comprar, possuir, fruir ou dominar, mas como verdadeiro sujeito de necessidade que me interpela e me institui como sujeito de receptividade e responsabilidade. Assim, em vez de me auto-construir como princípio face ao outro, eu auto-destruo-me face e ele, para, por amor, o fazer ser e lhe dar a vida”⁶⁶.

⁶⁶ A verificação última é escatológica como podemos ler no “Curso de Teologia ” de RATZINGER, Joseph, - *Escatología. La muerte y la vida eterna*, Editorial Herder, Tomo IX, Barcelona, 1992. Também, como escrevia o filósofo que não se furta a estas questões de fronteira e estabelece pontes de diálogo interdisciplinares – Paul Ricoeur –, é legítimo esperar que “*todos os*

- No fim deste nosso périplo ensaístico, que auguramos inacabado, mas implicativo, regressamos ao nosso ponto de partida, para pela primeira vez nos reconhecemos no que fica enunciado.

António Carneiro Torres Lima

Investigador do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, no projeto "Natureza e Ética" da Fundação para a Ciência e Tecnologia

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Vitorino de Sousa – *Ensaio de Filosofia das Ciências*, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1998.
- ARISTÓTELES – *Metafísica*, ed. Bilingüe grego-italiano, introd., trad. e notas de Giovanni Reale, segunda edição, Milão, 1994.
- BEAUCHAMP, P. – *le salut corporel des justes et la conclusion de la sagesse*, in : *Revue Biblique*, 45 (1964) pp. 491-526.
- BISCAIA, Jorge – “*Sufrimento e dor humanas*”, in: *Cadernos de Bioética*, 9 (1995) pp. 7-13.
- BREKELMANS, C.H.W. (ed.) *Questions disputées d’Ancien Testament, Méthode et Théologie*, Bibliotheca Ephemeridum Theologiarum Lovaniensium, 33, Leuven-Louvain, Paris-Gembloux, Leuven University Press, J. Duculot, 1974.
- CABRAL, Roque – *Ética Religiosa e Ética Racional: Compatíveis?*, in: *Bioética*, (Coord. Luís Archer, Jorge Biscaia e Walter Osswald), Editorial verbo, Lisboa – São Paulo, 1996, pp. 49-58; Ver, também, Id. – *Moral Racional e Moral Evangélica*, in *Bioética. Questões em Debate* (Coord. José Henriques Silveira

*grandes filósofos estão na mesma verdade e têm a mesma compreensão pré-ontológica da sua relação com o ser. E a função dessa esperança (a esperança de que assim se chegue a ver) é manter um diálogo sempre aberto e introduzir uma intenção fraternal nos mais ásperos debates. A história continuará a ser polémica, mas fica como que iluminada por este eskhaton – este novíssimo – que unifica e eterniza”. LAÍN ENTRALGO, P. – *Alma, Cuerpo, Persona*, op. cit, p. 316. A citação de Paul Ricoeur encontra-se em: *Idea del hombre*, p. 187; O que realmente importa, nesta situação, é purificar a memória e recuperar o sentido da autenticidade da vida humana pelo discernimento das Sagradas Escrituras: é alertar para o perigo da votação da humanidade, que oscila entre o recuo e a emergência de vazio metafísico, restringindo a significação e o sentido da vida. Se a morte é esvaziada do seu sentido, é porque a sociedade priva a existência humana da sua dimensão escatológica: Cf. MARTO, António Augusto dos Santos – *Esperança Cristã e Futuro do Homem*, ed. do autor, Porto, 1987, p. 161 e ss.*

- ra de Brito), Publicações da Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2001, pp. 85-92.
- CARTA ENCÍCLICA DE BENTO XVI — *Deus é Amor*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006,
- CHRÉTIEN, Jean-louis – *La voix nue: Phénoménologie de la promesse*, Éditions de Minuit, Paris, 1990.
- COUTO, António José da Rocha – *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma-Itália, Valadares, 1990; Id. - *O Êxodo e a Aliança: História e Teologia*, in *Humanística e Teologia*, 19 (1998), pp. 251-277; Id. - *A Bíblia Inquieta e Questiona a Moral*, in: *Ética: Consciência e Verdade*, XXII Semana de Estudos Teológicos 5-9 de Fevereiro de 2001, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001, pp. 47-64; Id.- *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002.
- GARCÍA CORDERO, M. – *Carácter histórico de la revelación bíblica*, in: *Burgense*, 11, (1970), pp. 63-80; Id. - *Del mesianismo a la escatología en el Antigo Testamento*, in: *Mesianismo e Escatología*, (1976), pp. 15-59.
- CUNHA, Jorge Teixeira da – *O Evento do Filho Advento do Homem: A Relação do Homem a Cristo Pascal Fonte da Ética na Obra de F.-X. Durrwell*, Biblioteca Humanística e Teologia 1, Porto, 1990; Id. - *Questões éticas emergentes. Uma leitura teológico-moral da nossa sociedade actual*, in: *Humanística e Teologia*, 13 (1992), pp. 177-193.
- DINIS, Alfredo – *Por um Novo Modelo do Saber, Problemática do Discurso Filosófico-Teológico*, in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990), pp. 355-378.
- DOMINGUES, Frei Bento - *Morrer em nome de Deus*, in: *Ler*, 17 (1991), pp. 64-66.
- FORMOSINHO, Sebastião j. e BRANCO, J. Oliveira – *O Brotar da Criação. Um Olhar Dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia*, Universidade Católica Editora, 2ª Edição, Lisboa, 1999 .
- HAURET, CH. (ed.) – *Aux Grands Carrefours de la Révélation et de l'exégèse de l'Ancien Testament*, Recherches Biblique, 8, Desclée de Brauwier, Bruges, 1976.
- HEIDEGGER, Martin – *Ser e Tempo*, Parte I, trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 14ª ed., Editora Vozes Ltda., 2005
- LAÍN ENTRALGO, Pedro – *Antropología de la esperanza*, Guadarrama, Madrid, 1978; Id. - *El cuerpo humano. Teoría actual*, Espasa Calpe, Madrid, 1989. Id. - *Idea del hombre*, Espasa Calpe, Madrid, 1996; Id. - *Corpo e Alma: Estrutura Dinâmica do Corpo Humano*, trad. de Miguel Serras Pereira ; Almedina, Coimbra, 2003.

- LÉVÉQUE, J. – *Le contrepoint théologique apporté par la réflexion sapientielle*, in: BREKELMANS, C.H.W. (ed.) *Questions disputées d'Ancien Testament, Méthode et Théologie*, in: *Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium*, 33 (1974), pp. 183-
- LÉVINAS, Emmanuel – *Transcendência e inteligibilidade*, trad. de José Freire Colaço e Artur Morão, edições 70, Lisboa, 1991.
- MARTO, António Augusto dos Santos – *Esperança Cristã e Futuro do Homem*, ed. do autor, Porto, 1987.
- McCARTY, D. J. – *Treaty and Covenant. A Study in Form in the Ancient Oriental Documents and in the Old Testament*, Analecta Biblica, 21 A, Roma, Pontifício Instituto Bíblico, 1978, (reed. 1981).
- MENESES, Ramiro Délio Borges de – *Do Desvalido ao Samaritano: A Humanização em Saúde*, in: *Separata de Eborensia, Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, Ano XVIII, 36 (2005), pp. 87-101; Id. – *O Bom Samaritano; entre a norma e a virtude*, in: *Atlântida*, XLVIII, (2003), pp. 161-162; Id. – *Humanização Hospitalar: axiologia e ética*, in: *Enfermagem Oncológica*, 27 (2003), pp. 43-46; Id. – *Do Desvalido Ao Samaritano: Paradigma de humanização Hospitalar*, in: *Enfermagem Oncológica*, 33 (2005), pp.29-37; Id. – *“Misericórdia”: Do Termo ao Conceito na Humanização Plesiológica*, in: *Mayéutica*, 30 (2004), pp. 411-420.
- MONTEIRO, António – *“Génesis: do sonho à esperança da Terra Prometida”*, in: *Génesis: Do Sonho à Esperança da Terra Prometida*, IX Semana Bíblica Nacional, Difusora Bíblica, Lisboa, 1987, pp. 8-12.
- PLASTARAS, J. – *The God of Exodus. The Theology of the Exodus Narratives*, Impact Books, the Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1966, pp. 313-334.
- PRIVITERA, S. – *“Ética narrativa, valor “vida” e gerações futuras”*, in: *Ética da vida, vitalidade da ética*, Gabinete de Investigação de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1977, pp. 13-20.
- RENAUD, Isabel – *A educação para os afectos*, in: *Cadernos de Bioética*, 26 (2001), pp. 89-97.
- RENAUD, Michel – *Existência Perde Autenticidade*, in: *Notícias do Milénio*, revista integrante da edição do Grupo Lusomundo, 8 de julho de 1999 , p. 115.
- SERRÃO, Daniel – *A banalidade e o mistério da vida humana: Uma reflexão Bio-ética*, in: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, (Classe de Ciências)*, Tomo XXXII, Lisboa, 1992/1993, pp. 7-16; Id. - *Bioética: a aventura de uma utopia saudável*, *Colóquio/Ciência* 18 (1996), pp. 59-66; Id. - *Archeo-biologia e Bioética: um encontro não conflituoso*, in: *ars interpretandi – Diálogo e Tempo*, Homenagem a Miguel Baptista Pereira (coord. de Anselmo Borges, António Pedro Pita e João Maria André), Fundação Eng. António de Almeida,

- Porto, 2000, pp. 235-264. Id. - “Prefácio”, in: LIMA, António Carneiro Torres - *Bioética e Antropologia*, Colectânea Bioética Hoje — VIII, Serviço de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2004, pp. 15-18; Id. - *A Transformação dos Valores na Sociedade de Comunicação*, in: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 62 (2006), pp. 215 –223.
- VAZ, Armindo dos Santos - *A Visão das Origens em Génesis 2,4b—3,24. Coerência Temática e Unidade Literária*, Edições Didaskalia – Edições Carmelo, Lisboa, 1996; Id.- *Iluminação Bíblica da Ética da Vida*, in: *Revista de Espiritualidade*, 29 (2000), pp. 39-79.
- VILA-CHÃ, João J. – *A Palavra, o Texto e a Morte: a abordagem de Hans-Georg Gadamer*, in: *H.-G. Gadamer: Experiência, Linguagem e Interpretação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, pp. 41-56.
- VON RAD, G. – *Teología del Antiguo Testamento*, vol I. *Teología de las tradiciones proféticas de Israel*, vol II, trad. da 5ª ed. Alemã por V. M. Sánchez, vol I, e por F. C. V. Romero, vol II, ed. preparada por L. Alonso-Schökel, lux Mundi, 28-29, Sígueme, Salamanca, 1972.
- WOLFF, H. W. – *Amor al enemigo*, in: *Antropología del Antiguo Testamento*, trad. do alemão por S. T. Tovar, Biblioteca de Estudios Bíblicos, 3ª Edición, Sígueme, Salamanca, 2001, pp. 253-254.
- COUTO, António - *Como Uma Dádiva*. Caminhos de Antropologia Bíblica, op. cit, p. 64.